

The image features four stylized sun icons in a light gray color. Each sun has a central circle with a smaller dot inside, and several elongated, teardrop-shaped rays radiating from the top and sides. The largest sun is at the top center, with a smaller one to its left, another to its right, and a fourth, even smaller one at the bottom left. The word "TRADUÇÃO" is centered over the largest sun.

TRADUÇÃO

OS PAUMARYS

Publicação póstuma de **G. Wallis**
P. Petersen

Tradução de

Adriana Maria Huber Azevedo  

Conselho Indigenista Missionário, Regional Norte 1

Originalmente publicado em: Das Ausland.

Wochenschrift für Länder- und Völkerkunde

[“O Estrangeiro. Jornal Semanal de Geografia e Etnologia”]

Publicado com a contribuição de comprovados especialistas pela

Livraria J. G. Cotta em Stuttgart e Munique. Ano 59, Número 14.

submissão: 06/03/2021 | aprovação: 13/09/2021

Stuttgart, 4 de abril de 1886.

Hoje conduzimos os leitores a um canto distante, muito pouco conhecido da terra: um dos tributários direitos mais poderosos do gigantesco Rio das Amazonas, que até o momento foi explorado por poucos de modo tão minucioso quanto por G. Wallis Detmold, este viajante botânico incansável que, lamentavelmente cedo demais, se tornou vítima da sua busca ávida pelas ciências naturais e que, não injustamente, na “natureza” é apelidado “rei” dos viajantes botânicos: o Purus.

O Purus nasce abaixo da latitude 11° S no Peru, atravessa o Norte da Bolívia e abaixo da latitude 3½° S desemboca no Rio das Amazonas, depois de, em seu baixo curso, ter transcorrido o amplo vale do Amazonas em inúmeros meandros, e depois que muitos afluentes menores e maiores misturaram suas águas profundamente negras com suas correntezas turvas de coloração amarela. Neste rio, Wallis encontrou pessoas manchadas sobre as quais ele relata o que segue:

Aos 4 dias do mês de março, finalmente entramos no Lago de Jacará¹, e com isso houve uma mudança na monotonia anterior. Estávamos no território não tanto dos jacarés conforme o leitor talvez imagine, mas das pessoas manchadas, os índios Paumarys. Com admiração, havíamos

contemplado suas cabanas flutuantes já de longe e, por isso, estávamos ainda mais ansiosos por conhecer este povo e seus costumes. Quando da nossa chegada, no entanto, encontramos as barracas vazias. Manoel, porém, familiarizado com todas as particularidades e costumes dos índios, soube achá-los prontamente. Os proprietários dos abrigos flutuantes haviam saído para pescar, e em pouco tempo ele os trouxe de volta.

Tivemos uma boa oportunidade de contemplar homens, mulheres e crianças com calma. Os Paumarys são pessoas fortes, bem-formadas, desfiguradas apenas em função das suas manchas. As manchas são mais claras do que a pele restante, de formatos e tamanhos diferentes, e distribuídas muito desigualmente sobre todo o corpo. Elas aparecem mais frequentemente nas partes do corpo particularmente expostas a toques mútuos, nas extremidades e no ventre, mas quase nunca no rosto. Enquanto algumas pessoas quase não possuem marcas para além daquelas em suas mãos, outras têm quase todo o corpo coberto por manchas, ao modo dos tigres. Ninguém está livre das manchas, mas por outro lado elas jamais possuem uma extensão maior do que a pele saudável.

As áreas afetadas empalidecem mais e mais,

1 Erro de digitação no original. Wallis introduz o nome português do lago em questão como sendo “Lago de Jacará”, e logo em seguida explica aos seus leitores falantes da língua alemã que este nome significa “lago dos jacarés”.

até alcançar a mesma coloração da nossa pele. Muitas vezes áreas menores de pele intacta são incluídas nestas últimas, de modo que manchas inversas, positivas, aparecem. A coloração original dos Paumarys é marrom-canela, como é o caso da maioria dos índios da América equatorial. Os cabelos são menos pretos, sendo que tendem mais ao castanho.

O fenômeno da pele manchada não é, de maneira alguma, isolado. Tive oportunidade de observar o mesmo também entre outras tribos, em algumas poucas ocasiões, e ao meu ver ele foi interpretado sempre de um modo errôneo. Com base em diversas razões, e divergindo da opinião de alguns viajantes, gostaria de explicá-lo não como uma doença, e nem mesmo como consequência do modo de vida, mas simplesmente como uma moléstia cutânea causada por bichinhos microscópicos².

Como a moléstia se transmite através do contato, eu acreditava ter encontrado um meio seguro de comprovar melhor meu ponto de vista. Portanto, não evitei circunstâncias em que eu pudesse ter contato com o mal, para, ao contraí-lo, mandá-lo analisar por médicos. Não fui, no entanto, tão bem-sucedido nisto quanto meu acompanhante, que já nos primeiros dias da nossa

estadia adquiriu uma manchinha bonitinha. Após quatro meses seus pés já estavam floreados como chita colorida.

A moléstia não é hereditária, e se manifesta só a partir do terceiro ou quarto ano de vida. Também não afeta negativamente, de forma alguma, a saúde, pois os Paumarys possuem um corpo tão musculoso e forte como raramente o encontrei entre os demais índios do Purus.

A moléstia também é transmitida, via contágio, para outros indivíduos não pertencentes à tribo dos Paumarys, e ela atinge até mesmo os animais mantidos dentro e ao redor dos abrigos; como cachorros, galinhas, papagaios etc. Até os bicos dos papagaios e os cascos dos porcos carregam os rastros destes parasitas.

Nosso intérprete, que todos os anos viaja pelo Purus e mantém relações com os Paumarys, quase toda vez contrai a moléstia, o que é inevitável no caso de relações imprudentes e descuidadas. Ela é facilmente curada mediante aplicação de prata arsenical, que sabidamente serve para eliminar diversas parasitoses. Também por isso gostaria de não considerar o fenômeno como sendo algo distinto do que uma moléstia provocada e reproduzida por bichinhos microscópicos; muito embora outros viajantes que observaram a moléstia

² Nota da tradutora: O autor escolhe usar o coloquialismo “mikroskopische Tierchen” (“animaizinhos microscópicos”), em vez de “Mikroorganismen” (“micro-organismos”).

entre outras nações a explicassem como sendo originada por um modo de vida estranho. Não apenas sua curabilidade por remédios de uso tópico, como também a ausência de impacto sobre o parto e a saúde, como sua semelhança relativa com a morfeia corroboram esta minha hipótese. Certamente, o modo de vida dos Paumarys apresenta particularidades que veremos mais adiante, mas também outras nações vivem em circunstâncias idênticas, em um ambiente não menos úmido, sem apresentarem nenhuma mancha. Sendo assim, como o modo de vida seria a causa da moléstia? Como disse antes, gostaria de ter levado comigo uma mancha para os médicos poderem examinar minuciosamente, mas não fui bem-sucedido nisto. Só tive oportunidade de estudar a evolução e o aumento rápido das manchas no nosso intérprete e no filho dele.

Não menos do que as manchas, o modo de vida dos Paumarys despertou nossa admiração. Já mencionei que eles vivem em cabanas flutuantes. Por toda a parte, nos lagos e nos canais, estas cabanas podem ser encontradas. Três ou quatro troncos maiores, dispostos um ao lado do outro, cobertos por uma camada de bastões firmemente amarrados uns aos outros, formam o fundamento destes abrigos primitivos que lembram as palafitas suíças. Arcos de madeira se fixam em ambos os lados, amarrados uns aos outros em pares e

cobertos com esteiras finas tecidas com folhas de palmeiras. Com isso, a construção está pronta.

Doze a quinze, raramente mais, cabanas formam uma aldeia, que quando a água está movimentada flutua para cá e para lá constantemente. Cada cabana é ancorada por meio de uma pedra amarrada em um cipó comprido, para evitar que fuja junto com seus moradores qualquer bela manhã. Qualquer movimento da água naturalmente influencia a situação da aldeia, que às vezes gira em torno do seu eixo dentro de poucos instantes, o que irritaria muito um pintor meticuloso na tentativa de retratá-la.

É compreensível que a vida dentro e ao lado de tais moradias apresente muitas estranhezas e incômodos, o que só se percebe depois de ter visto com os próprios olhos, e ter seguido pessoalmente este modo de vida. Não há corredores ao longo das casas como nos canais de Veneza; apenas uma frágil grade feita de lâminas foliares de folhas de palmáceas que, para além disto, na maioria das vezes se encontra apodrecida e desgastada, circunda a moradia, naturalmente desprovida de corrimão, e sendo assim o tempo todo se corre o risco de quebrar o pescoço e as pernas, ou, no mínimo, de tropeçar e cair na água.

Esta vida aquática traz consigo pelo menos algumas vantagens. Os moradores das cabanas flutuantes gozam de uma maior pureza do ar,

não precisam ter medo de serpentes venenosas e também se veem livres de outras pragas. A saber, essas moradias não são tão infestadas de mosquitos como é o caso na floresta. Um grande mal, no entanto, consiste em que as cabanas que compõem uma aldeia flutuante não são interligadas entre si por pontes. Todo o trânsito, até mesmo o deslocamento necessário para trocar algumas poucas palavras, é feito de canoa. É preciso ter realmente muita paciência, toda a obstinação dos índios, para conseguir gostar de tais moradias. É de se estranhar que as pessoas não se cansem de uma vida dessas. Naturalmente, as moradias também não possuem outra conexão com a terra senão a canoa. As lareiras não se constroem no interior das moradias, mas sim na floresta adjacente. Para preparar comida é preciso se deslocar para a terra de canoa. De dez a vinte vezes por dia, as pessoas necessitam sair desta cabana de canoa para conseguir os provimentos necessitados no dia a dia. Mas, diante desta vida incômoda, os índios se atêm firmemente a essas tradições e não as consideram apenas suportáveis, mas pelo contrário, muito agradáveis.

Durante a vazante, no entanto, entre os meses de junho a outubro, os Paumarys abandonam suas casas aquáticas para erguer suas choupanas

às margens do Purus. As margens formadas de areia pura então se estendem longamente, largas e planas. Elas não oferecem, de modo nenhum, qualquer encanto, mas o que o índio se importa com as belezas da natureza? Ele apenas pensa em saciar sua fome, e por isso sempre permanece perto da água, que lhe providencia seus principais meios de existência: peixes e quelônios. O tempo todo ele está ocupado com a pesca, mas nestes meses as pessoas também se dedicam à busca de ovos de quelônios. Pois nesta época, as fêmeas dos quelônios sobem em terra para pôr seus ovos, e para isso cavam buracos de 10 a 20 cm de profundidade na areia. O número dos mesmos é impressionante. No Rio Branca³, uma vez, contei 169 ovos em um buraco. Os ovos são então recobertos de areia, para desta maneira serem incubados pelo sol. Em algumas das praias há milhares de ovos de quelônios, e o índio sabe localizar os mesmos com muita perspicácia.

De certas frutas da floresta (leguminosas) e uma raiz tuberosa (não a mandioca) se faz farinha. Mas esta farinha tem um gosto azedo e é de uma coloração estranha, avermelhada, que se explica pelo fato de que os Paumarys, como também muitas outras tribos do Brasil, têm o costume de pintar seu corpo com urucu, a tinta mais comum obtida

3 Rio Branco. Erro de português no original.

da bixa urucana⁴, que é a “árvore de Orellana”, brasileira ou selvagem. Enquanto preparam suas refeições, como também, de modo geral, durante qualquer trabalho, as pessoas precisam se defender dos mosquitos. Eles, portanto, ficam se batendo para retirar os insetos molestos, o que faz com que boa parte da sua maquiagem acabe sendo transferida para suas mãos, e conseqüentemente aplicada sobre tudo que é tocado ou apanhado. Sendo assim, é impossível dar-lhe um objeto nas mãos sem que o mesmo seja devolvido sujo de tinta. Apesar desta farinha ser muito repugnante - também pelo fato de estar sempre úmida e mofada - já me aconteceu de precisar comê-la.

Todos os índios adoram a farinha de mandioca. Ela é a melhor isca para atrair as pessoas. Enquanto que diversas plantas cultivadas, como bananas, abóboras, batatas e cerás⁵, são vendidas para os regatões, a mandioca, por este motivo, não é usada em trocas.

Os Paumarys e também muitos outros índios têm o costume de engolir pincus⁶, um tipo de mosquito do tamanho da cabeça de um alfinete, porque esses bichinhos, por estarem quase sempre entupidos de sangue, possuem um gosto adocicado. Fazem isso com uma destreza extraordinária, e eu nunca

obtive o mesmo sucesso nas minhas tentativas. O que me causou ainda mais estranhamento, no entanto, foi ver as pessoas catando e comendo os piolhos das cabeças umas das outras. Esses parasitas repugnantes são considerados uma iguaria especial. Quando alguém cata a cabeça do outro, adquire o direito de comer os parasitas, e muitas vezes o faz com lascívia pedante. Então se vê um sujeito ajuntando os piolhos na mão ou em um remo para depois os engolir avidamente, um a um. Um outro quer preparar uma surpresa agradável para sua jovem esposa e lhe traz um punhado de parasitas que acaba de catar na cabeça de algum vizinho. A mulher está tomando seu desjejum e, portanto, recebe com uma alegria ainda maior a dádiva do marido atencioso. Então se pode observar um sujeito velho que já poderia ser avô, exercendo seu direito de roubo em um garoto, agarrando-o e vasculhando seus cabelos a despeito de seus gritos e de sua resistência, e não o soltando até satisfazer seus desejos. O garoto, com certeza, planejava doar a presa para outra pessoa ou, no mínimo, seu pai detinha a prerrogativa de receber esta iguaria. A natureza não dispôs o índio a tirar todo proveito possível de tudo que se lhe oferece? Sendo assim, o vemos também devorar

4 Erro no original. O nome correto é bixa urucurana.

5 Cará. Erro de português no original.

6 Pode se tratar de um erro de digitação. O autor parece estar falando dos piuns.

com a mesma cobiça todas as pequenas bolhas, todos os cravos que ele espreme da sua pele. As frutas junto com as sementes, larvas, lagartas e até terra. Tudo é, vorazmente, afundado por ele no seu estômago insaciável!

Entre os Paumarys tive oportunidade de conhecer sua maneira de capturar quelônios. Cerca de 30 embarcações dos Paumarys e 20 dos Ipurinas (vizinhos dos Paumarys) haviam se reunido para esta finalidade. Uma cena muito interessante se apresentava. Todas desciam as águas do Purus, os homens com arco e flechas prontos a disparar, posicionados em ambas as extremidades do veículo, enquanto as mulheres e crianças preenchiam o tempo com diversos trabalhos e brincadeiras. Assim que uma tartaruga era avistada à superfície da água, as flechas zumbiam para matá-la. Estas flechas são dotadas de uma ponta de madeira em uma das suas extremidades, provido de uma barbela de ferro. Uma corda longa e fina conecta a ponta com a haste. Esta corda é enrolada em torno da haste, de um modo que ela se solta sozinha quando a flecha é disparada. A ponta não é enfiada na haste, e os movimentos da tartaruga a fazem se soltar. Para evitar que a ponta se perca e a tartaruga ferida escape, a haste da flecha flutua na água com a corda amarrada nela, e desta maneira sempre aponta a direção em que o animal ferido está se movimentando embaixo da água. Quando

uma tartaruga foi flechada desta maneira com o arpão, a canoa se põe a persegui-la tomando a direção da haste da flecha, e o animal é puxado cuidadosamente pela corda, amarrado, para, à boca da noite, ser alojado na jaula comunitária. Esta forma de capturar os quelônios é denominada “bater o rio” na língua portuguesa, quando seria mais acuradamente chamada “limpar o rio”.

Por ocasião da captura dos quelônios, também vi o modo em que os mesmos são abatidos; eu não acho que a matança se dê por motivos humanos, mas sim, por um gosto brutal por tudo que envolve sangue e sofrimento. A cabeça do animal é puxada para fora lentamente com as mãos, e então uma vara fina que possui a mesma grossura e o mesmo comprimento de uma agulha de tricô é enfiada nos orifícios nasais. Enquanto faz isso, o açougueiro se senta no chão em uma posição confortável, empurrando e puxando a vara para cima e para baixo, e jovens e velhos se regozijam ao ver o animal se debatendo. De fato, o animal se debate ansiosamente durante esta operação, e eu suponho que a morte é provocada apenas pelas cócegas, pois ao examiná-lo, não encontrei nem os pulmões, nem outra parte do corpo ferida. Uma lesão cerebral não tem como ocorrer, dada a estrutura da cabeça. O animal visivelmente vai perdendo suas forças, seus movimentos se tornam cada vez mais lentos e fracos, até que finalmente os pés ficam caídos,

flácidos, mas ainda assim a vida não se apaga completamente.

No preparo das suas refeições, os Paumarys, como quase todos os índios, procedem de um modo muito imundo. Dá nojo vê-los cozinhar. As tartarugas são enfiadas em um espeto sem serem previamente evisceradas, e assadas vivas. O escudo ventral do animal ainda vivo, que continua se debatendo, às vezes é rachado na sua metade posterior de modo a revelar as tripas e principalmente os ovos, dos quais se preparam petiscos especiais. Geralmente, areia e terra funcionam como temperos em tal refeição índia.

O apetite dos índios, e a voracidade indescritível com que eles se servem de tudo vai além de todos os termos. Eles estão sempre com fome, e de tanto comer costumam ter uma barriga de dimensões indecentes. Eles cozinham sempre mais do que necessitam, e mesmo no caso de terem abatido a maior das caças, nunca sentiriam constrangimento por não saber como armazenar a carne, apesar de não possuírem sal. Constantemente há coisas fervendo e assando em todas as panelas e dezenas de espetos sobre o fogo, e nunca se passam 24 horas até que uma família tenha consumido tudo. É preciso que sempre haja um estoque de comidas prontas ao redor deles, para que possam comer o tempo todo. Cedo de manhã, ainda antes do alvorecer, eles já pensam em comer, comem frutas

cruas quando não há nenhuma carne assada, e da mesma maneira, de noite depois de já terem se deitado, caso por algum acaso se acordarem de novo, é necessário satisfazer a fome. Eles não podiam nos ver comendo sem que logo se sentassem do nosso lado, seguindo com o olhar qualquer osso como os cães, e impacientemente esperando que nos levantássemos para, vorazmente, se apossar dos restos. No entanto, eu não observei isso apenas entre os Paumarys, mas também entre muitas outras tribos indígenas do Brasil.

Nem entre os Paumarys, nem entre nenhuma outra tribo indígena no Purus eu observei o costume de fumar, que é praticado com paixão por quase todas as demais tribos indígenas. No entanto, todos eles são apaixonados cheiradores de rapé. Os Paumarys cultivam tabaco com esta finalidade, enquanto as demais tribos do Purus usam as folhas de uma espécie de carica ainda não descrita. A nicotina presente nestas últimas gera, neste pó, quase o mesmo efeito que o tabaco verdadeiro. Havia tempo eu estava ansioso para descobrir qual planta podia ser usada como substituto do tabaco, porque eu os via cheirar, mas não mascar tabaco; portanto, não fiquei pouco surpreso quando me dei conta que esta espécie de carica servia para isso, porque as folhas frescas não possuem, de modo algum, propriedades narcóticas. As folhas da planta são secadas em um jirau e superpostas umas às outras formando discos,

para neste formato serem colocadas para suar ainda várias vezes. Quando estão razoavelmente secas, são guardadas prensadas. Para fabricar o pó, elas são expostas a um calor ainda mais alto dentro de um pote achatado, até que se tornem suscetíveis de serem trituradas. Depois são esfregadas com as mãos até que tenham sido reduzidas a um pó fino, e o rapé está pronto. Agora, o recipiente e o aparelho usado para inalar o rapé são objetos curiosos! Dois ossos de aves, de 10-20 cm de comprimento, são unidos de modo convergente, de maneira que suas extremidades possam ser enfiadas nas narinas. O tabaco é despejado na palma da mão plana, e aspirado para dentro do nariz com este instrumento simples. Uma grande casca de caramujo serve como recipiente. A ponta desta última é aberta, e nela se insere um pedaço de tibia. O lado é vedado de modo muito preciso com um pedacinho de madeira ou uma concha, e calafetado. Então o recipiente de rapé está pronto. É realmente surpreendente ver as enormes quantidades de tabaco que os índios consomem como alimento para o nariz! Toda hora se puxa o recipiente de tabaco, cuidadosamente se despeja um pouco de pó na mão esquerda, se enfia o aspirador no nariz, e então se inala o pó em um gesto acompanhado de numerosos grunhidos de prazer. Homens, mulheres e crianças se entregam a esta diversão, e lhes parece difícil abrir mão dele mesmo que seja por um único dia.

A criação de animais domésticos parece ser objeto de uma especial predileção entre todos os índios. Enquanto tratam os animais caçados por eles sem piedade e com crueldade extraordinária, despendem cuidado e afeto a todo animal que lhes cai nas mãos vivo. Sendo assim, não se podem ver apenas onças, corujas, urubus e outros animais feios sendo criados com cuidado, mas também mulheres amamentando filhotes de cachorros e macacos. Os filhotes dos cachorros são já distribuídos quando ainda estão cegos, e as mulheres assumem o trabalho da cadela. De toda maneira, cachorros são extraordinariamente populares entre os índios. Dada a grande ternura dos índios para com todos os animais capturados, não é de se admirar que até mesmo animais totalmente selvagens se tornem extraordinariamente mansos.

O fato de eu ter encontrado um galo em cada casa flutuante, mas nenhuma galinha, me pareceu notável. Respondendo minhas perguntas, me disseram que este animal é criado unicamente por causa do seu canto, para acordar as pessoas. Geralmente só há uma galinha em cada aldeia, usada para a reprodução.

Quanto ao seu caráter e seu temperamento, os Paumarys merecem ser chamados de exemplares. Dado que quase todos os índios sucumbem ao vício do furto e da infidelidade, eu conheci os Paumarys como sendo seres muito honestos e confiáveis.

É uma pena que sua doença cutânea impedirá o governo brasileiro de empreender tentativas de colonizá-los ainda por muito tempo. Quando o índio quer manifestar algum sentimento, como desgosto, raiva, deleite etc., ele bate no seu cabelo com a mão, na parte posterior da cabeça.

Quanto os Paumarys eram diferentes dos seus vizinhos, os Ipurinas! Estes últimos, na sua avaréza, não deixavam passar uma oportunidade de nos furtar, e não nos deixavam consumir sossegadamente nem as coisas que havíamos comprado deles, ou a parte da caça retida. Os primeiros, por sua vez, nos traziam sempre uma ou outra coisa sem que tivéssemos solicitado, estavam sempre dispostos a prestar serviços, com a maior zelo e remarcável coragem. Durante o trabalho cantam alegremente, trilam ou chilreiam uma música própria que relembra a natureza do pássaro mímico: Hé, né - hé, né, - nã, -nã, nã, nã, nã - ejé, ejé - yé, yé, yé - etc. No início, eu realmente acreditava que eles imitassem as melodias de certo pássaro. Eles se exercitam na arte de cortar, passando de canoa, com a borda do remo, os arbustos cobertos de trepadeiras parecidas com cucurbitáceas, e de fato fazem isto com uma exatidão tão grande que os arbustos parecem ter sido cortados com um aparador de sebes. Jovens e velhos se deliciam com este tipo de brincadeiras bobas. Quando veem

um pássaro no ar, ou uma tartaruga ou animal parecido boiando, fazem movimentos com as mãos como quem vai atirar fingindo seriedade - uma brincadeira que nunca cessa. Os vemos fazendo os mesmos truques tolos também em terra. Descem até a margem da água um atrás do outro, com ar solene, com cascos de tartarugas na cabeça, para lançar os mesmos à água, quando os rapazes não preferem usá-los como alvos para suas flechas. Com esta finalidade, colocam na areia duas unidades posicionadas na distância do alcance de uma flecha, para que, ao disparar uma flecha, possam posicionar-se novamente perto do outro casco, e podem atirar sempre para lá e para cá sem parar. Também observei estes exercícios de tiro ao alvo, em que muitas vezes também se usam cascas de abóboras, junto de outras tribos indígenas do Brasil.

Os Paumarys, Ipurinas, Catauixis⁷ e outras tribos indígenas no Purus vestem apenas um suspensório que consiste de uma corda simples e na frente envolve e cobre o pênis com uma grande borla de fios de algodão. As mulheres vestem uma cinta com franjas longas. A confecção dos colares das mulheres é particularmente trabalhosa, e é de se admirar como eles, com suas ferramentas primitivas, são capazes de fazer, de materiais duros como ossos e conchas, pecinhas tão

7 No original, o termo vem gravado "Catanixis", o que parece ser um erro de digitação.

engenhosamente ornamentadas e perfuradas. A confecção desses colares, que consistem de mais de cem ossos incisivos quadrilateralmente, enfeitados com gravuras helicoidais, exige muita paciência e persistência, pois não raramente demora mais de um ano para ser concluída. Eles são muito apreciados pelos índios e geralmente são o presente de casamento que o homem dá para a sua noiva. Nenhum artefato foi tão difícil de se adquirir como este, e muitas vezes, as mulheres só concordavam em vendê-lo depois de vários dias de relutância. A maioria destes colares é produzida pelos Ipurina, e os Paumarys os compram deles a preços altos, pagando em alimentos.

As mulheres não usam nenhum tipo de cobertura de cabeça, enquanto que os homens, pelo contrário, buscam toda proteção possível contra os raios do sol. Podemos vê-los cobrindo suas cabeças com chapéus tecidos de folhas palmáceas, panos ou uma faixa guarda-sol delicadamente tecida que repousa sobre a cabeça como uma coroa e tem a função adicional de segurar o cabelo no lugar. Esta faixa os veste bastante bem, e serviria como amostragem da sua cestaria.

Assim como todos os índios, os Paumarys são muito supersticiosos e se apegam com firmeza às crenças e aos preconceitos herdados dos seus pais. Por isso é que há uma coincidência tão grande entre as lendas, ideias e histórias de

fantasmas das diferentes tribos. Atribuem uma grande importância e significados muitas vezes fantasmagóricos aos sonhos e às vozes de aves pouco conhecidas. Uma cobra atravessando o caminho prenuncia um infortúnio. Quando o pássaro *himmari* grita, ele agoura a morte. A paca, um roedor do tamanho e aparência de uma lebre, é dita ser descendente da venenosa cobra surucucu, provavelmente porque os índios desconhecem qualquer caso em que esta última tivesse picado tal animal. Chamam o urubu-tinga “rei dos urubus”. Entre eles circula a crença segundo a qual toda flecha emplumada com as penas desta ave infalivelmente acerta seu alvo. Dizem que uma espingarda, se matar um urubu, perde sua sorte. A troca de pele de um inseto ou a muda de penas de uma ave é vista como rejuvenescimento. Conforme a compreensão dos índios, a borboleta surge de uma flor. Serpentes são feitas de cabelos humanos. Dos jacarés se diz que uivam e choram para atrair e devorar animais curiosos. Atribuem poderes secretos sobrenaturais a certos objetos inanimados, como, por exemplo, um tipo de pedra verde, e concreções pedregosas retiradas das cabeças de determinados peixes, usadas como talismãs, e que podem ser adquiridas apenas com muito esforço. O índio acredita que se ele quer pegar peixes, não deve verbalizar sua intenção enquanto estiver na canoa.

As doenças dos Paumarys e outros índios no Purus geralmente se limitam a afecções cutâneas, febre e dores pélvicas, isto é, doenças hepáticas e infecções intestinais. Partes mais finas, como os órgãos respiratórios, se veem menos frequentemente afetadas, o que se explica pelas condições climáticas e o modo de vida. Em todos os lugares, o índio respira ar puro, não precisa exercer nenhuma profissão que congestione seu peito ou cause outras anomalias no torso. Dada a sua intemperança no comer e beber, a digestão consegue fazer milagres dado o abastecimento do corpo com ar puro abundante, pois casos de problemas digestivos ou gástricos são tidos como raridades. A gula exagerada, no entanto, manifesta suas consequências na forma de dores pélvicas.